

JORNAL DE GARVÃO

Nº 19 Dezembro de 2013

0,50 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

CERRO da FORCA

Pag. 4



REGEDOR

Pag. 5

PELOURINHO

Pag. 11

DEPÓSITO VOTIVO SANTUÁRIO PRÉ-HISTÓRICO DE GARVÃO

Pag. 9

FAMÍLIA MALVEIRO

Pag. 6 / 7



AS ESTRADAS DE GARVÃO

Pag. 8



Numa comunidade como a vila de Garvão, quando se trata de defender o bem colectivo, nota-se que os interesses particulares prevalecem, embora se crie a noção entre a população de defender o bem comum. Cria-se ou transmite-se a sensação de colocar o interesse colectivo à frente dos interesses individuais, contudo nessa participação colectiva, a que se assiste, o voluntariado de cada um torna-se, de facto, numa manifestação de interesse individual, embora ao defender, secundariamente, os interesses colectivos está, também, como membro da comunidade a beneficiar individualmente desse empenhamento colectivo.

Numa vila como Garvão em que se nota a necessidade de união entre a população continua-se a assistir a manifestações dramáticas de individualismo e exarcebadas reacções contra as poucas manifestações de unidade colectiva que se assiste na freguesia. De facto contra as poucas obras comuns para benefício de todos, assiste-se a actos negativos, aparentemente de indivíduos inofensivos mas provocando diversos tipos de desequilíbrio, altamente constrangedores e insanos, não se preocupam com princípios, resistem a mudanças e recusam-se a pensar com elevação, agem de acordo com a sua própria ilusão, em pensamentos inferiores, na preponderância do orgulho e do egoísmo.

Na realidade os indivíduos são constrangidos pela sua qualidade eminentemente social e socialisante e as suas atitudes e decisões reflectem a sua pertença ao grupo em que se inserem embora sempre com manifesta interesse pessoal.

A participação dos indivíduos mantém-se relacionada com as aspirações de cada um sabendo que a participação colectiva é, em última análise, uma falácia, quando se instala a sensação de ser ultrapassado por outros indivíduos. Uma participação no bem comum em termos de igualdade participativa contradiz o desejo de ascensão social, de individualismo e até mesmo de riqueza, agudizam-se as diferenças e torna-se patente a competição.

A igualdade implica valores de cooperação, enquanto a ascensão social repousa na inveja e na ambição.

O crescente bem-estar individual despoleta sentimentos de competição e a inveja.

Não é dos que desalmadamente batem com a mão no peito que rezará a história.

Também não será daqueles que vêm na vida alheia a cura das suas frustrações, como um alvo a abater para se sentirem elevados, já Ghandi o disse “os fracos precisam de humilhar os outros para se sentirem fortes”.

Mas será certamente daqueles que nos precederam, daqueles que tiveram a nobreza de um dia alcançarem um dado momento da história da vila de Garvão, história essa porque houve alguém antes de nós que esteve na devida altura no seu lugar, com maior ou menor bravura, maior ou menor sofrimento e simplesmente tiveram a nobreza e o dom, que mais não fosse, da sua própria existência.

Perdas e Ganhos

Durante séculos, desde o século XIII e até ao século XIX, a vila de Garvão foi sede de município, desde a instalação da nacionalidade até á revolução liberal do século XIX.

Essa realidade jurídica, de quotidianos vividos em autonomia administrativa e a respectiva perda de autonomia concelhia, que passa de município para freguesia, permitiu forjar uma personalidade socio-cultural, que não deixa, ainda hoje, de ser uma referência na maneira de pensar e de ser do natural de Garvão. Reflecte-se, ainda hoje como uma sensação de perda, uma perda irremediável, aparentemente longe das responsabilidades da população, contudo, nesse beco sem aparente saída, está a impreparação, ou melhor, a apatia de uma população deixada ao abandono, nesse fulcral e determinante aspecto.

Contudo as gerações actuais, mal preparadas nos bancos das escolas, no secundário ou mesmo nas faculdades, também não têm capacidade de decisão, a não ser a que lhe é oferecida pelos órgãos de comunicação social e essa é induzida pelas ideologias políticas e pelo campo escorregadio da democracia pré-fabricada onde só os mais espertos, habilidosos e corajosos penetram, já que os órgãos governamentais, cada vez mais desacreditados, funcionam, na sua vasta maioria, como agências de emprego que admitem os mais privilegiados e, na maioria dos casos, incapazes, transformando-se num enorme peso burocrático e parasitário

Contudo por muito que nos esforcemos a esboçar argumentos contra a injustiça de tal decisão ou a enaltecer as virtudes deste burgo, não podemos escamotear o facto da sua escassez populacional e do respectivo impacto a nível governamental que possa contrariar essa postura em detrimento doutras localidades. Se a escassez populacional terá tido impacto nessa decisão, por sua vez esta será em larga medida resultante da marginalização económica não só do concelho de Garvão, mas inclusivamente da própria região como se observa ainda hoje.

A nível económico, apesar de dispor de meios produtivos e mercantis que justificassem a realização de uma feira, não deixa contudo de demonstrar a existência de uma economia de subsistência e deficitária em muitos aspectos. A economia do concelho seria fundamentalmente agrária e os contactos externos demasiado inconstantes para se poder assegurar uma actividade mercantil.

A produção agrícola maioritariamente cerealífera, a que se juntavam vinho e azeite não eram suficientes, em quantidade e qualidade, para suscitar a atenção do mercado nacional. Apesar de no século seguinte á extinção do concelho a freguesia apresentar alguma pujança em termos empresariais com a instauração na vila de Garvão de uma moagem mecanizada, lagares de azeite e vinho e uma unidade de produção de bebidas gaseificadas, assim como local privilegiado para a passagem da via férrea Lisboa/Algarve com a instalação de duas estações ferroviárias, ainda no século XIX, e das respectivas vias rodoviárias no trajecto norte/sul em detrimento da actual sede do concelho.

A freguesia, como uma realidade geográfica que se impõe na paisagem, é o resultado de milénios de presença humana no seu território e apresenta um registo arqueológico e uma documentação histórica valiosa.

De facto, constata-se que neste início de século XXI, com novos desafios, onde o turismo aliado a uma produção cultural adaptada às realidades específicas da comunidade geram oportunidades de emprego e uma significativa vantagem competitiva com efeitos na criação de importantes dinâmicas de desenvolvimento, parece ser estrategicamente fundamental criar conteúdos inovadores alicerçados na investigação histórica e respectiva pesquisa arqueológica, que permitam estimular um olhar mais profundo sobre o nosso passado e ler os vestígios que chegaram até ao presente.

JORNAL DE GARVÃO

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: NET impressos - Rio de Mouro



Ídolos em marfim, com mais de 4000 anos, achados no Complexo Arqueológico dos Perdigões

Um importante conjunto de ídolos em marfim está a ser estudado por arqueólogos no Complexo Arqueológico dos Perdigões, próximo de Reguengos de Monsaraz. Estas estatuetas, que se encontraram numa área de acumulação de restos humanos cremados, são raras na Península Ibérica e apareceram agora, pela primeira vez, em Portugal.

Os Perdigões são um complexo arqueológico que abrange uma área de 20 hectares. É composto por vários recintos delimitados por grandes fossos (estruturas escavadas na rocha), com necrópoles e um cromeleque de menires associado, que teve início no final do Neolítico (há 5500 anos) e durou até ao início da Idade do Bronze (há 4000 anos).



O sítio terá representado um papel importante para as comunidades que habitavam aquela área na Pré-História e seria, provavelmente, um local utilizado para a prática de cerimónias rituais relacionadas com o culto dos mortos e dos antepassados.

Mundo em transformação

Um dos aspectos mais significativos nos Perdigões é a presença de contextos funerários de cremações humanas datados de há 4500 anos, práticas funerárias consideradas pouco comuns na época e que levantam interessantes questões sobre as visões do mundo e do ser humano que estariam em transformação.

In: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=55164&op=all>

Descoberta de segundo batistério no complexo arqueológico de Mértola.

Arqueólogos descobriram nas 'entranhas' de Mértola, no Alentejo, um segundo batistério do período paleocristão, o que confirma a existência de duas comunidades cristãs diferentes naquela época na vila, uma católica e outra possivelmente monofisita.

O batistério, descoberto na alcáçova do castelo, a 50 metros do primeiro, é também dos princípios do Cristianismo, entre finais do século V e inícios do século VI, quando o ritual do batismo 'implicava um banho de imersão', explicou à agência Lusa o arqueólogo Virgílio Lopes, do Campo Arqueológico de Mértola (CAM).



O 'belíssimo achado' seria de 'grande luxo' e os vestígios estão num estado de conservação 'bastante bom', indicou, referindo que a piscina batismal achada e já escavada tem mais de quatro metros de largura e metro e meio de profundidade, o que aponta para um 'grande' batistério.

É um dos mais importantes que conhecemos em ambiente arqueológico' e 'nada fica a dever' aos batistérios conhecidos no Mediterrâneo, frisou, indicando que o estado de conservação e o volume do batistério colocam-no 'muito próximo' dos 'mais luxuosos' conhecidos na Europa e que servem de 'modelo de referência' para os outros.

In: <http://noticias.pt.msn.com/imagens/descoberta-de-segundo-batist%c3%a9rio>

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

Café Central



Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



CERRO da FORÇA

No extremo Sul da vila de Garvão, sobranceiro ao “Curral dos Bois”, na estrada para o Monte Zuzarte fica situado o “Cerro da Força”, onde, segundo a tradição oral eram enforcados os justicados.

Segundo o Sr Chico Félix, proprietário do local, pelo que lhe foi transmitido pelos seus familiares, toda aquela área estava coberta de sobreiras e azinheiras, sendo a forca, quando era preciso, colocada numa das pernas de determinada azinheira.

Outro tipo de construção de forcas, embora, presentemente, não haja dados sobre o tipo de forca existente em Garvão, para além da tradição oral, seria em madeira ou construída em alvenaria de dois pilares.

As Forcas como símbolo da execução da justiça e da autonomia municipal, assim como os Pelourinhos, os Forais e os respectivos Paços do Concelho, foram abolidas em Portugal a 26 de Junho de 1867 no reinado de D. Luís

As Forcas eram situadas, geralmente, em Serros sobranceiros à Vila, de boa visibilidade onde a exposição dos



Vista do Cerro da Força



Exemplo da Forcas

justicados na Forca teriam um efeito dissuasor e de intimidação dos possíveis infractores e da população em geral.

Os sentenciados seriam recolhidos pelos familiares ou não os havendo pelos irmãos da Misericórdia e levados para o cemitério onde seriam enterrados segundo a tradição cristã e a sua alma seria “salva”, contudo aos condenados à “morte perpétua” nem a sua alma seria “salva” pois implicava que os “enforcados” ficavam expostos na Forca, até ao próximo dia de Todos-Os-Santos, quando os Irmãos da Misericórdia organizavam a Procissão dos Ossos, e recolhiam o que restava do condenado para o sepultarem junto à Igreja da Misericórdia, muitas vezes os corpos “no seu entorno” padeciam do ataque de cães e outros animais que despedaçavam as partes inferiores dos condenados.

Devido à larga exposição dos “enforcados” por “morte perpétua”, as Forcas eram, geralmente, situadas em elevações contrárias ao vento dominante, para que na Vila e nas casas da população, não se sentir o cheiro da carne em decomposição.

paraFarmácia
GARVÃO

Técnicos: Luísa Miguel de Oliveira Vieira Reis
Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 408
paraFarmaciaGarvao@hotmail.com

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.

Tlm. 934 059 158

Catilharia de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Folha
Tectos Falsos - Orçamentos e Deslocações Grátis

Tel/Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO

Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"

Servem-se refeições e petiscos diversos

Cerveja: Maria de Fátima, Baronesa, Santa Bárbara

Telems.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão

Café Beira Linha

ALMOÇOS E JANTARES

Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

CAFÉ LINA

Carlos Gabriel Lina
934-27600

Chada Nova

Padaria MARTINS

Rua de Ourique, 22

de Joaquim Martins Moreira Costa

Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

LINDAMIRADÓLORES DE BRITO CARVALHO

Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



REGEDOR

FRANCISCO ZACARIAS TAMBÉM CONHECIDO POR CHICO CEZÍLIA - ÚLTIMO REGEDOR EM GARVÃO

Francisco Zacarias de nome completo, nasceu em Garvão a 13 de Setembro de 1920.

Foi o último Regedor da Vila de Garvão, tradição centenária de que foi o último representante em Garvão.

Os Regedores de freguesia, eram, “uma pessoa de bem” que em primeira instância tentava manter o respeito, a ordem e a harmonia, junto da população da Freguesia. Desempenhavam as funções de Magistrados Administrativos, tinham como funções olhar pela segurança e ordem pública e certas obrigações administrativas, hoje geralmente desempenhadas pelas Juntas de Freguesia e autoridades de segurança pública, a quem as pessoas prestavam obediência e respeito, era chamado a intervir nas situações mais insólitas e até caricatas, como um roubo de uma galinha, fazer as pazes entre marido e mulher, chegando até a intervir em assuntos de partilhas, em brigas e desacatos, etc. etc..



O Regedor foi assim uma autoridade de grande prestígio e poder, durante os anos das suas funções, lentamente foi perdendo essa autoridade até ao seu desaparecimento. Primeiramente eram eleitos, mas pela lei de 29 de Outubro de 1840, passaram a ser nomeados pelos Administradores do Concelho, actuais presidentes de Câmara, até que devido às várias reformas administrativas, as suas atribuições, foram-se diluindo pelas várias entidades entretanto criadas, Juntas e Assembleias de Freguesias e criação da GNR em 1911, até que esvaziados dos seus poderes o cargo foi formalmente extinto depois do 25 de Abril de 1974 com a introdução da Constituição da República Portuguesa de 1976.

De notar que o Regedor tal como os Cabos de Polícia e até os membros das Juntas de Freguesia não auferiam qualquer renumeração.

O Regedor exercia a autoridade local de freguesia, principiou essa actividade ao substituir em mil oitocentos trinta e seis o Comissário de Paróquia, exercendo essas funções até mil novecentos setenta e seis. O regedor era subordinado ao Administrador do Conselho, mais chamado de Presidente da Câmara.

Em mil oitocentos quarenta e dois, foi estabelecido por lei, uma farda para os Regedores, que seria uma casaca azul com um ramo de carvalho de ouro bordado em cada uma das golas, colete de casimira branca, calças azuis, botas e chapéu redondo. A casaca e o colete teriam botões com as Armas Reais. O chapéu teria o laço Nacional e uma presilha preta, na qual estaria gravado o nome da freguesia a que pertencia.

A principal função dos Regedores, era a de policiamento da freguesia. Para os auxiliarem nas suas funções policiais, tinham às suas ordens e nomeados por estes os chamados Cabos de Polícia, sendo por norma rapazes de boa constituição física e de preferência acabados de chegar da tropa. A função de Cabos de Polícia foi diminuindo até ao seu desaparecimento, com a intervenção da Polícia Civil, depois chamada, Polícia de Segurança Pública.

No século passado e por volta dos anos quarenta, os Regedores deixaram de ter o estatuto de magistrado administrativo, nessa altura já não usavam qualquer fardamento, passam então a ser os representantes dos Presidentes das Câmaras Municipais e nomeados ou exonerados por estes, a quem prestavam obediência.

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Telems.: 96 648 50 19 - 96 232 15 48 Fax: 21 980 40 08
E-mail: baptistapereira2001@sapo.pt

MONTARAZ
GARVÃO

AGENCIA FUNERARIA ALentejana
Funerária e instalações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 43
1990-999 Ourique
Tel - Fax 286 512 561
Email: funeralentejana@sapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Rua Novo do MEI Pastos
Lote 26 Carre
Rua Gago Coutinho 72
1690-929 Sobreda
Tel - 203 682 117
Estrada Nacional
3, Lous
Gouveia

Joaquim Gonçalves 918810888
Elio Guerreiro 968163679
918890543
Pedro Gonçalves 912682541

Adília Pereira Coelho

TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA

Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 341
Rua do Alamo, 12 - GARVÃO

“BAR DA ESTAÇÃO”

REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS

de: **Célia Maria Pacheco Silva**

Telem: 917 591 497
7670 - 129 FUNCLIEIRA - GARE

Coord. M.º
931 897 621

MANUEL BARTOLOMEU BOMÃO, HERD.º

ARMAZEIRISTA - DISTRIBUIDOR

Telef. 286 555 120 - Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE

Restauração Martins

Bairro Novo da Sardoá
Lote 38

de
Joaquim Martins Moreira Costa

7670 Garvão

Tels - 936 347 021 e 932 582 913



A família Malveiro surge, na vila de Garvão, como uma das mais consistentes e detalhadas ao longo de vários séculos, sendo várias as informações disponíveis, tanto ao nível dos registos paroquiais e do arquivo distrital de Beja, através das certidões de nascimento, como através do Livro da Misericórdia e do Espírito Santo da vila de Garvão.

Ainda hoje os descendentes de Jose Malveiro e de Maria Antónia Pereira, ambos nascidos por volta de 1860/70 constituem uma das mais numerosas famílias da vila de Garvão cifrando-se, actualmente, em mais de cem elementos os seus descendentes.

A origem da família Malveiro ou das famílias de apelido Malveiro, como se verá, poderão ter diversas origens e estratos sociais. Várias poderão ter sido as famílias a portar tal nome.

Um as famílias, possivelmente nobiliárquicas ou proprietárias, poderão ter dado o nome a várias propriedades, que eventualmente poderão ter crescido e ter dado origem a várias localidades como Malveira e Malveira da Serra, ou a propriedades agrícolas como as que se encontram com o nome de Malveira, Malveiras, Malveiro ou Monte dos Malveiros como a que encontramos na actual freguesia de Santa Luzia.

Outras famílias, na sua maioria, senão na totalidade, trabalhadores agrícolas, poderão a partir do simples facto de residirem nestes lugares daí tiraram o nome, (simultaneamente ou em várias épocas), dando origem a várias famílias a portar o nome Malveiro sem qualquer relação familiar entre si ou com os primeiros.

Entre as várias hipóteses avançadas, a origem do nome poderá estar associado à vila de Malva em Espanha junto à raia nordestina portuguesa, pois nos anos de 1430/1450, aparece a viverem na mesma altura na cidade de Évora tanto o apelido Malveiro com um individuo de apelido Da Malva¹ que poderá ser um ascendente ou familiar do anterior, com origem na localidade espanhola com esse mesmo topónimo e que terá imigrado para Évora de Espanha por várias razões, (acompanhamento na transumância dos rebanhos ou motivados pelo comércio e contrabando de panos e gado).

A hipótese militar não poderá igualmente ser descartada, embora o primeiro relato escrito, do nome Malva, surja em 1430/1450, dois séculos depois da reconquista total do território português, nada impede de que por motivos militares, se tenham radicalizado em Portugal mais cedo, (não convém esquecer que, em Espanha, a luta dos reis católicos contra o reino de muçulmano de Granada prolongou-se praticamente até ao final do século XV, 1492, com todas as implicações que a vinda de cavaleiros cristãos do norte tenha tido na formação demográfica do Sul Ibérico).

O topónimo Malveiro aparece igualmente noutras regiões nomeadamente a Norte de Lisboa onde existem as localidades da Malveira da Serra no concelho de Cascais e Malveira no concelho de Mafra, afamada pela sua feira do gado, entre outras²²

Aqui a hipótese de algum habitante de Malva, ou já portando o apelido Malveiro, se ter radicalizado e dado o nome à Malveira/Mafra, por motivos comerciais sai reforçada, ainda mais tendo em consideração que existe uma certa coincidência

entre Garvão e Malveira/Mafra, materializadas ambas nas suas antiquíssimas feiras de Gado. Aqui sai reforçada igualmente a hipótese judia, na origem dos primeiros Malveiro, pois, os judeus, não só habitavam a raia espanhola como são reconhecidos pela sua aptidão comercial.

Contudo quanto à suposição de ter sido um Malva ou Malveiro a dar o nome às várias localidades que portam o nome Malveiro na região a norte de Lisboa, o contrário também se aplica e poderá ser verdade, e famílias desta região, (dando o nome à Malveira/Mafra ou dela tirando o nome), acompanhando ou não o circuito comercial das feiras ou da transumância dos gados poderão ter dado o nome a outras localidades situadas mais a sul.

Portando, pessoas oriundas da Malveira/Mafra poderão ter dado o nome à herdade dos Malveiros/Santa Luzia como proprietários, e por sua vez a herdade dos Malveiros terá dado o nome a várias famílias de trabalhadores agrícolas que lá

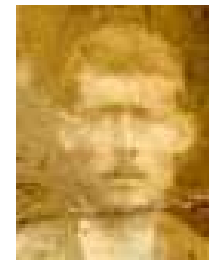


Jose Malveiro e Pais
Nascidos por volta de 1860/70

Pais



António Malveiro



Artur Malveiro



Luíz Malveiro

moraram, (isto aplica-se, como é obvio, a outras herdades ou locais denominados Malveiro ou Malveiros, sem, contudo, se poder afirmar, com certeza, que a área de irradiação primitiva seja a Malveira/Mafra ou outra).

MALVEIROS

Arzil, Laborela, Columbaes e o Montenegro

Surge igualmente várias informações sobre várias propriedades pertencentes à família Malveiro:

"Ao que parece este apelido surge no Sul numa família nobre que no séc. XVI morava na Vila de Panóias. Esta família, ligou-se por casamentos, aos Britos, Cansados, Pais, Jorges e Falcões. Continuou através dos tempos detentora de várias propriedades na região, entre elas destacam-se o Arzil, os Malveiros a Laborela e o Montenegro. Algumas dessas propriedades ainda pertencem a seus descendentes, na família Brito Pais. No século XIX, a herdade da Laborela era pertença de um descendente dos Malveiros, chamado Francisco Jorge que esta aqui no Genea"

in: http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=189670³

Igualmente sobre a herdade da Laborela têm sido postadas valiosas informações em: http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=264826

Escreve Maria Matos:



MALVEIRO

“A Herdade da Laborela pertencia no Séc. XVII a Manuel Gomes Malveiro cc. Maria Jorge [Silva] e em 1829 pertencia a Francisco Jorge Silva...”

“Os descendentes Bárbara da Conceição Malveiro e seu irmão Joaquim Eduardo Julio são ambos meus trisavós vistos os seus filhos, primos direitos terem casado entre si. São eles: Teresa Eduarda da Conceição de Jesus Maia e Carlos Júlio pais da minha avó Mariana Prazeres da Maia Júlio.”

Responde José Maria Ferreira:

“O que eu tenho sobre a sua tretavó Maria do Espírito Santo Malveiro é que ela era filha de António Francisco e Teresa Malveiro de Garvão e foi casada com Eduardo Rodrigues [Júlio].

“O seu tretavó Eduardo Rodrigues [Júlio] ... baptizava muito em nome do espírito Santo ou não fosse ele casado com uma Maria do Espírito Santo, cuja família Malveiro pertencia à confraria do



Maria Antónia Pereira
por volta de 1860/70

de:



José Malveiro



Mariana Pereira Malveiro



Maria José Malveiro

Espírito Santo!!!

O seu tretavó Eduardo Rodrigues [Júlio] era assim, ainda primo irmão de Eduardo de Brito Júlio, pai de José Júlio da Costa que assassinou Sidónio Pais, pois eram ambos netos de Joaquim Rodrigues do Vale e Maria Júlia de Santa Luzia.

O seu tretavó Eduardo Rodrigues [Júlio] foi também padrinho em Panoyas de Amélia Costa que casará mais tarde com Manuel da Costa, irmão de José Júlio da Costa.”

Portanto no primeiro quartel do séc. XVII a Herdade da Laborela, assim como a Herdade do Arzila (sic) e muitas outras herdades nos arredores e termo de Garvão, estão na posse dos Malveiros. Malveiros que em 1618 já eram moradores na Vila de Panoyas, onde Manuel Gomes Malveiro deu fiança a André Machado, morador na Vila de Garvão, para poder desempenhar o ofício de escrivão dos órfãos.

No entanto os lavradores que se ficaram pela Laborela, Arzil e Columbaes permaneceram ligados ao culto do Espírito Santo e ainda nos séculos XVIII e XIX faziam parte da Irmandade do Espírito Santo: António Malveiro, André Malveiro, Joaquim Malveiro, Joaquim José Malveiro, António Pedro Malveiro, Francisco José Malveiro.

São todos descendentes de Manuel Guomes Malveiro morador na Vila de Panoyas.”⁴

No livro da Misericórdia e do Espírito Santo da vila de Garvão consta a menção a vários Malveiros:

André Malveiro, 22 Maio 1734

Manoel Lopes Malveiro, 20 Março 1792

Antonio Malveiro, 7 Setembro 1769

Joaquim Malveiro 18 de Dezb. de 1797

Joaquim Jozé Malveiro 15 de Fevr^o de 1808.

Francisco Jozé Malveiro 17 d'Agto de 1814

Joaquim Jozé Malveiro 17 d'Agto de 1814

Antonio Pedro Malveiro 33 de Obr^o de 1834

Francisco Jozé Malveiro 33 de Obr^o de 1834.

António Pinto Malveiro 15 de Junho de 1881.

Francisco Malveiro e sua mulher Gertrudes Maria Capella, 13 Julho 1884

Surge igualmente a informação de M. Rosa Leitão:

“O meu bisavó materno era António Pinto Malveiro nascido na vila de Garvão 1848, casado com Amélia Barbara das Neves Dinis, filho de José Pinto Malveiro natural de Garvão e de Teresa se Jesus, neto de António José Pinto e de Leonor Malveiro. o meu bisavó foi regedor em Garvão.”⁵

Como se observou na lista do livro da Misericórdia e do Espírito Santo, existe um António Pinto Malveiro, no ano de 1881.

De João Barroca surge-nos igualmente a informação:⁶

“Ao pesquisar Garvão no ano de 1909, vi este nome, cito: ANTONIO PINTO MALVEIRO - Hospedaria em Garvão (Ourique)”

A informação foi retirada do Anuário de 1909, estes Anuários trazem os nomes e profissões das pessoas de Portugal, Ilhas e ex-colónias.

Deixo-lhe mais esta nota que referenciei no Anuário de 1908, cito:

JOSE ANTÓNIO MALVEIRO - Thesoureiro da Misericórdia e Hospital de Garvão.

Deixo-lhe os nomes das pessoas que faziam parte da Misericórdia e Hospital de Garvão em 1908/1909, cito:

FRANCISCO ANTONIO TOGEIRO – Médico

MARIA IGNÁCIA – Enfermeira

JOSE, ANTONIO MALVEIRO – Thesoureiro

ANTONIO ANASTACIO DINIZ GAGO – Escrivão

ANTONIO GONÇALVES MOREIRA – Párocho”

Não deixa de ser interessante, o facto do Livro da Misericórdia e do Espírito Santo de Garvão, ter a última entrada por volta de 1890 e após as convulsões sociais provocadas pelo liberalismo a Misericórdia manteve a sua estrutura e continuou a ter alguma organização que se prolongou pelo século XX, até praticamente à república.

Notas

¹ No inventário dos apelidos de família na obra “Évora na Idade Média” de Maria Angelica Rocha Beirante, regista o primeiro indivíduo de apelido MALVEIRO naquela cidade no período de 1430-1450, o qual poderá corresponder a Afonso Martins Malveiro, referido na mensagem anterior pelo confrade Luís Soveral. De notar que naquele mesmo período morava naquela cidade alentejana um indivíduo de apelido DA MALVA.

In:

² http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=57136&fvview=e

Malveiros, localidade do concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa

Malveiros, localidade do concelho de Ourique, distrito de Beja

Quinta da Malveira, localidade do concelho de Aljezur, distrito de Faro

Quinta da Malveira, localidade do concelho de Cascais, distrito de Lisboa

³ http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=57136&fvview=e

⁴ http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=264826

⁵ http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=57136&fvview=e

⁶ idem



AS ESTRADAS DE GARVÃO

Garvão é, devido aos seus vestígios arqueológicos, sua polarização de vias e outras mais circunstâncias, um dos mais importantes percursos do Alentejo desde a antiguidade.

Em Garvão, cruzavam-se e partiam várias estradas com ligação a todo o Sul e Norte do País.

Aos caminhos mais antigos utilizados pelos primeiros povos, às veredas dos caminhantes e andantes, de cargas no lombo das bestas e carroças de tracção animal, sobrepuseram-se outros caminhos pelas sucessivas civilizações que se lhes seguiram e, inclusivamente, pela via férrea actual que em alguns locais aproveitou as vias romanas e pré-romanas.

Em Garvão cruzavam-se várias estradas: Canadas Reais (trajectos milenários para gados), Itinerários Celtas, Vias Romanas, Estradas Reais, "Semedariuns..", vias Legionárias, Corredouras e outras vias que faziam a ligação por todo o Alentejo.

ESTRADA ROMANA

Em Garvão, segundo as "Grandes Vias da Lusitânia" de Mário Saa, que se baseou no "itinerário de Antonino Pio", (descrição, do princípio da nossa Era, sobre as vias do Império Romano por Antonino Pio), cruzavam-se várias estradas romanas, uma delas a "Circunvalação dos Célticos", que dava a volta completa ao Alentejo e Algarve, pelos lados, tocando as principais localidades.

ESTRADA REAL DO ALGARVE

A Estrada Real do Algarve aproveitou o traçado da Via Romana e Legionária, desde a Serra de Monchique a Garvão e para norte deste. A Estrada Real do Algarve tem o seu início em Lisboa e, era a ligação para o Algarve, com passagem obrigatória por Garvão.

ESTRADA PARA BEJA

No caminho da Estrada Real, ou Romana, no porto da Crata desprendia-se, uma outra estrada, para a direita que ia directamente de Garvão para Beja, em parte utilizada pelo Caminho de Ferro, pela herdade da Quinta Nova, Aldeia

da Conceição e Alcarias, Monte da Carregueira (Estação de Castro Verde) e daí para Beja.

ESTRADA PRÉ-ROMANA

Existia uma outra Estrada do Algarve, mais antiga, prévia à ocupação Romana, de norte para sul pela margem esquerda do Sado, que transpunha o Rio em Alcácer do Sal.

ESTRADA ROMANA DE SALIR A SANTIAGO DO CACÉM POR GARVÃO

Em Garvão cruzava outra Estrada Romana, que ligava Santiago do Cacém a Salir, no Algarve, segundo "As Grandes Vias da Lusitânia" de Mário Saa, "...O seu início em Garvão é um sulco profundo, transversal às ribeiras de Garvão e Arzil, e imediatamente abaixo do Castelo, sulco que ali é conhecido por Ferradouro, corruptela de Furadouro".

"Semedarium qui venit de Garvam et vadit al Algarbium" pela Sr^a da Cola.

O "Semedarium", era a continuação directa da estrada de Santiago do Cacém. A menção ao "Semedarium" surge, pela primeira vez, nuns documentos de 1250 e 1260 referentes ao extinto concelho medieval de Marachique.

CANADA REAL

As "Canadas" eram vias próprias para as deslocações dos rebanhos de gado, de umas pastagens e regiões para outras.

Eram trajectórias seculares, e até milenárias de pastores, como que direcções ideais nos seus caminhos da transumância.

CORREDOURAS

As Corredoras ou estradas legionárias eram vias militares romanas que atravessavam todo o Império Romano.

É comum ainda encontrar, na topografia local, nome de sítios ou lugares com origem em eventos ou locais antigos; o Monte da Corredoura, situado a poucos km de Garvão, na estrada para Ourique, poderá bem ser um bom exemplo dessas reminiscências do passado.

Café Nascido do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de José Guerreiro Manuel
Largo da Estação n.24 7670-128 GARVÃO
Telefone 286 555 166
Telemóvel 965 090 101

PADARIA VITÓRIA
Joaquim Rosário Guerreiro
Tel. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO

Salão Mila
Emília M.^a Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telef. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIRAS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Tel. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS
RECONSTRUIDORES FEDIMA
LUBRIFICANTES SHELL



DEPÓSITO VOTIVO

SANTUÁRIO PRÉ-HISTÓRICO DE GARVÃO

No centro da vila de Garvão, na encosta do Castelo, descobriu-se uma enorme quantidade de peças em cerâmica, no decurso dos trabalhos de abertura de valas para o saneamento básico da Vila de Garvão.

Devido à enorme quantidade de cerâmica partida, foram imediatamente interrompidos os trabalhos de saneamento básico, e Manuel Zacarias, membro do Núcleo de Defesa do Património (antecessor da Associação cultural e Defesa do Património de Garvão) alertou de imediato, em finais de Maio de 1982, o Serviço Regional de Arqueologia do Sul na pessoa do seu director, Caetano de Mello Beirão.

Conjuntamente com Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes, iniciaram os trabalhos logo em Junho desse ano, tendo sido publicado, posteriormente, o relatório da intervenção arqueológica, in “Depósito Votivo da II idade do Ferro de Garvão, Notícia da primeira campanha de escavações, in “O Arqueólogo Português, série IV, volume 3”.

Chegou-se à conclusão de se tratar de um depósito votivo, da 2ª idade do ferro do século IV/III antes de Cristo, provavelmente o santuário de alguma confederação Celta que aqui teria o seu centro espiritual.

Segundo a notícia da primeira campanha, atrás mencionado, no Depósito Votivo armazenavam-se as oferendas atribuídas a uma divindade, ou divindades, cujo templo se situaria nas imediações do depósito, agora descoberto, servindo este como armazém das peças oferecidas por falta de espaço no próprio Templo.

O Templo, propriamente dito, ainda não foi localizado, mas tudo leva a crer que se situará nas imediações do depósito votivo, provavelmente no topo do Castelo.

As oferendas encontradas são maioritariamente de cerâmica, nomeadamente potes, pratos, tigelas, devidamente arrumados dentro de outras maiores, e o espaço entre eles devidamente preenchido com outras peças de cerâmica, incluindo pratos depositos de cutelo, denotando um claro cuidado no aproveitamento do espaço.

As oferendas incluíam, também, diversas peças em vidro, nomeadamente contas de colar e pequenas jarras. Do espólio em prata, contam-se, anéis, fíbulas, braceletes, címbalo, placas

representando figuras femininas, o que se julga serem divindades.

Em ouro e prata foram encontradas várias peças nomeadamente placas com olhos gravados, e representações de figuras. Segundo Virgílio Hipólito Correia, in “De Ulisses a Viriato - o primeiro milénio a.c.”; Edição do Museu Nacional de Arqueologia, das oferendas encontradas contam-se também uma taça de cerâmica que tem a particularidade de ter na base uma inscrição na escrita primitiva da região, anterior às invasões

Romanas, escrita essa que se convencionou chamar de “Escrita do Sudoeste”.

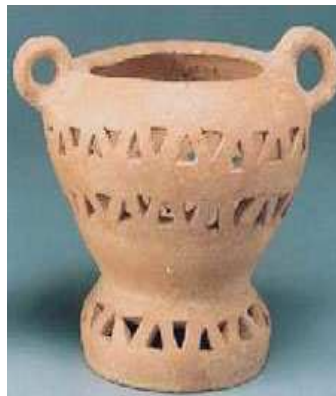
Sobre a divindade ou divindades adoradas no pressuposto santuário, que existiria nas proximidades do Depósito Votivo, crê-se tratar-se de uma divindade indígena, portanto de origem local, embora não esteja desassociada de alguma influência ou assimilação oriental, de que as deusas “Tanit” ou “Ashtart” não seriam alheias.

As oferendas em placas de ouro com olhos gravados denotam claramente o cariz votivo de tais ofertas em prol de uma divindade relacionada com a visão ou com os olhos, oferendas essas que ainda hoje se perpetuam, passados mais de 2000 anos, na Igreja de Santa Luzia, uma das duas freguesias do extinto concelho de Garvão, do qual dista 5 Km. Tudo leva a crer, que tal devoção, possa ter dado o nome à povoação, conforme reza a moda “Santa Luzia dos Olhos...”.

SANTA LUZIA

O culto, a uma divindade relacionada com a vista em Garvão, deve ter dado o nome a Santa Luzia onde a tradição, ainda hoje, se mantém.

Santa Luzia é uma povoação acerca de 5 Km de Garvão. Era uma das duas freguesias do extinto Concelho, sendo, a outra, a própria vila de Garvão, sede do Concelho. Esta relação autárquica, e de proximidade, é muito mais profunda do que parece pois, este antigo culto, atribuível ao século IV/III antes de Cristo, perpetuou-se no tempo, e ainda hoje, na Igreja de Santa Luzia, certas pessoas com problemas na visão, oferecem placas de cera, com olhos desenhados, restando as placas de ouro e prata encontradas em Garvão, segundo Virgílio Hipólito Correia, in “De Ulisses a Viriato - o primeiro milénio a.c.” Museu N. de Arqueologia.



SUL e SUESTE

LUÍZA. (II Parte)

Crónica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo" de Joaquim da Costa, Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940

O almocreve, a princípio, não podia acreditar naquela simpatia, numa inclinação amorosa da filha do patrão para êle. Podia lá ser!... Ela menina prendada e fina, rica e com instrução, gostar do labrego, do rústico almocreve que êle era! A dúvida torturava-o, e chegou a pensar que talvez a menina tivesse tido em Beja algum namôro adiantado demais... E pensava que já se tinham feito casamentos de herdeiras ricas por êsse mundo com rapazes pobres para se encobrir qualquer falta... Mas logo rebatia tais pensares, alegando que nada se ouvira dizer dela, nada constava em seu desabono... Mas fosse como fosse, o certo é que achava as simpatias de Luiza como fortuna demais para êle...

- A filha do patrão Podia lá ser!...

Ocasões havia em que, sob os insistentes aguilhões do desejo e da ambição, recordava os momentos em que a tinha tido junto de si, ou em que se tinham encontrado e recordava uma fala doce, um gesto delicado um olhar terno. Mais que uma vez, ela, encontrando-se na rua do monte, o envolvera num olhar cheio de promessas, e seus olhos pretos, que tinham o brilho de amora orvalhadas à luz da manhã, faziam baixar os olhos dele, acostumados a olhar o sol a direito... Recordava momentos ditosos, via-lhe as pupilas ardendo numa chama de desejo, via seu corpo bem talhado e ondulante, e, num sussurro brando, ouvia-lhe a voz, mais doce e cariciosa que voz das rôlas mortas de sêde... Mas, numa recordação mais viva, obsediante. revia êsses instantes em que, de volta da feira as mãos dela, como garças da ribeira pousando em perna tósca de chaparro, se tinham firmado nos seus ombros.. Ah! fôra desde êsse dia que êle iicara assim, meditabundo, fazendo com sacrificio os trabalhos da lavoura, mal tocando na comida, e passando as noites em claro... Por noite alta, erguia-se da tarimba, de ao pé das bêstas, saía da cavalaria, onde um bafo morno o sufocava, e ia respirar o ar nocturno, procurando refrigério para o cérebro, onde sentia o lume vivo de ideas obsediantes e contraditórias...

Dava uma, dez, cem voltas ao monte e nessa ronda se passavam horas e horas...

- A filha do patrão! Podia lá ser!...

Nessa ronda nocturna, estabelecia longos monólogos interiores, considerando os factos passados e a sua situação presente... Sentia que o amor da menina tão desejada representava um bem que estava muito alto como o fruto de certas árvores: não lhe podia chegar! Noutros momentos, porém, uma comoção forte agitava-o, admitindo a possibilidade de vir a casar-se com Luiza; e aguilhoado pelo desejo e pela ambição, via-se, ele, rude almocreve de mãos calosas, de posse de uma bela mulher, carne cheirosa e bem tratada, e dono de fartas terras de pão e montados... Considerava então a suprema

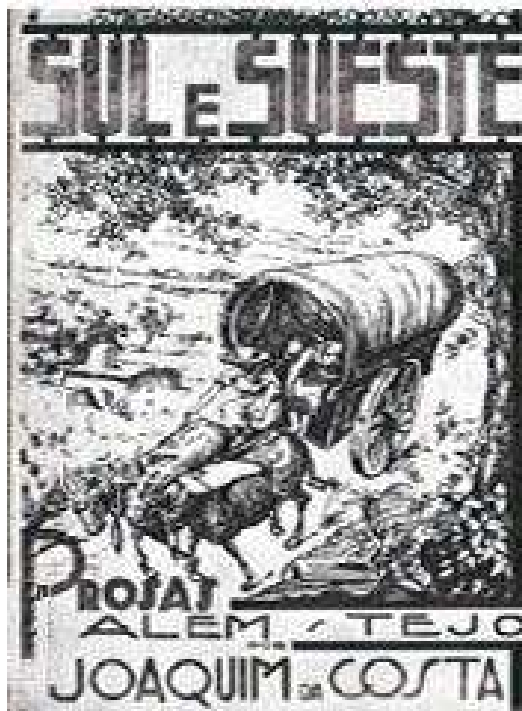
ventura de possuí-la um dia, de tê-la, bem sua, enlaçada nos braços fortes, o peito dela unido ao seu, os seios erectos e virgens esmagados de encontro ao seu peito cabeludo e robusto, as bocas unidas num beijo longo e voluptuoso... E punha-se a desejá-la com uma paixão delirante de macho em quem despertam, de súbito, como enxame de abelhas em ramo que o sol da manhã doirou, desejos e tentações de há muito adormecidas, volúpias rubras dum sangue rico, a arder... E recordava aquelas vezes em que a encontrava no caminho da horta e se ficara a namora-la com o olhar, admirando-lhe o corpo de linhas finas e flexíveis, que deixava um rastro de perfume que êle aspirava longamente e lhe fazia dilatar as asas das ventas sensuais...

Desfiava, durante a ronda nocturna, o seu rosário de agradáveis recordações...

Em certos momentos, porém, estacando no escuro, o moço estremecia, lembrando se da figura seca e odiosa do viúvo que, decerto, se havia de opor a tal união, preferindo, como tantos ver a filha morta de desgosto a vê-la casada com um criado. Então, indignava-se, e a sua alma erguia-se em revolta surda contra a muralha de preconceitos que o separava dela que separa o pobre do rico! Ah! a fortuna! A riqueza! Se lhe não tivessem morrido, era pequeno, os pais cujos bens, em poucos anos passaram para as mãos de parentes velhacos, não se sabia como, se não fôsse como «Pedro Cem, que já teve e hoje não tem», verieis o lavrador chegar-se à razão e aqadrinhar o casa mento. Não havia no caso, nao, diferenças de sangue, havia diferenças de dinheiro!

Ah! sim, a riqueza! Mas bem podia o lavrador guardá-la. Tinha fortes braços, sabia lavar

semear, ceifar! Não lhes faltaria, havendo saúde e trabalho, o pão em casa. Quisesse ela, fôsse verdadeira aquela afeição, e haviam de ser felizes, teriam a sua casinha como tantos... Assim ia debatendo consigo mesmo aquêl problema, analisando o seu caso. Às vezes, o debale interior durava até de madrugada, já quando o fulgor das estrelas se apagava e alguma cotovia lançava no espaço as notas de oiro do seu gorgeio. O ar da madrugada fazia-lhe bem. E no silêncio que embalava os montes, a sua alma rude enternecia-se, considerava-se quási feliz, e seu olhar envolvia de ternura e desejo a construção antiga a desenhar-se no crepúsculo matutino, a casa onde a essa hora talvez dormisse ainda a bela mulher quê não tivera, como tantas mulheres teriam, pêjo em oferecer o coração ao pobre almocreve que ele era...



O PELOURINHO de GARVÃO

Apesar de hoje não ser visível a existência de tal monumento na vila não deixa de ser uma das características dos concelhos medievais como o caso de Garvão. A referência ao Pelourinho de Garvão surge em vários autores nomeadamente Pinho Leal na sua obra, Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heráldico, Archeológico, Histórico, Biográfico & Etymológico de Todas as Cidades, Villas e Freguesias de Portugal e Grande Número de Aldeias, em 12 volumes, publicados em Lisboa pela Livraria Editora de Mattos Moreira entre 1873 e 1890 e de todos os outros dicionários de outros autores que se lhe seguiram.

Os Pelourinhos, são padrões edificadas num local principal da povoação, no centro da vila histórica e diante dos Paços do Concelho, no Largo D. Afonso III, distintivos da autonomia e dos poderes dados pelos reis aos seus moradores.

Nos Pelourinhos, eram expostos os criminosos, forma de castigo, à vergonha pública, sendo por vezes açoitados.

O Pelourinho de Garvão, cujo conhecimento chegou até hoje devido às várias referências literárias de alguns autores, julga-se perdido, não havendo hoje na vila de Garvão alguém que se lembre do seu paradeiro.

Contudo, em conversa com o “Ti Vilhena”, nos idos anos de 1974, sobre o Pelourinho respondeu mais ou menos com estas palavras: “Oh! Isso é coisa muito velha, eu já não



me lembro nada disso, mas parece que havia para aí umas pedras no meio do Largo (Largo D. Afonso III) que as pessoas à medida que iam precisando iam-nas carretando, uns para uma coisa, outros para outras, até que as levaram todas”.

E noutra ocasião da conversa na esperança de se saber mais ou menos quem as levou ou onde estariam: “Olha, onde está uma pedras dessas, que levaram fazer não sei o quê, é na rua ao pé das hortas, e aqui nestas casas (diante da actual casa Paroquial) levaram também umas para fazer as escadas para o quintal”.

Porta essa ainda visível mas actualmente tapada, quanto à pedra junto às hortas trata-se realmente de uma coluna (falta-lhe um bocado), possivelmente uma parte do Pelourinho, está actualmente guardada nas casas do autor, em Garvão.

Igualmente numas casas da Travessa do Álamo, quando se procedia ao rebaixamento de uma divisão, recentemente adquirida, para servir de garagem, encontrou-se uma pedra que se julga ser a parte superior que remata o pelourinho.

Café Futuro



Almoços e Jantares

Rua do Álamo

--- Internet Wireless ---

Associação Futuro de Garvão

Garvão
mini mercado
Da. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 - OURIQUE
GARVÃO SUPER
mini mercado

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisoes
Telef. 286 555 111
GARVÃO

Drogaria Carapinha
De: Rua Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC.
Tel. 286 555 441
Tim. 936 337 373
Rua Nova, 28 - GARVÃO

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telem. 934 059 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeeiros - Cozinhas por medida
Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

REVEZ & GONÇALVES
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO
Telef. 286 555 111 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA

Família Pereira

Pereira é um sobrenome de r a í z e s toponímicas, tirado da Quinta e Couto desta designação, sendo a família que o adaptou oriunda de uma

linhagem de remotas e nobres origens. Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, o ramo primogênito dos Pereiras originou a Casa dos Senhores e Condes da Feira, enquanto o segundo filho, com duas bastardias, originou o Condestável D. Nuno Álvares Pereira (S. Nuno de Santa Maria), pelo que o seu sangue veio a misturar-se com o de todas as famílias reais europeias.

Sobrenome português classificado como sendo do tipo toponímico, ou seja de origem geográfica, neste caso, onde há pêras ou pereiras. Os primitivos Pereiras estavam ligados à casa de Bragança, em Portugal. Foi seu solar, a Quinta de Pereira, aonde tomaram o apelido, junto ao rio Ave, em terra de Vermoim. A origem mais remota da família provém do conde de Forjaz Bermudez, sobrinho neto de Desidério, o último rei dos longobardos, da Itália. No Brasil, o primeiro Pereira foi o donatário Francisco Pereira Coutinho, assassinado brutalmente pelos índios tupinambás em Itaparica, em 1549. Entre seus descendentes está um dos mais importantes editores brasileiros, José Olympio (Pereira Filho). O nome também foi adotado por cristãos-novos.

O Arquivo Distrital de Beja coloca na internet os registos de baptismo, casamento e óbito celebrados na paróquia de Garvão entre os anos 1645 e 1911.

Mais de 25 mil livros de registo e cerca de um milhão de imagens é o que guarda com desvelo o Arquivo Distrital de Beja, tutelado pela Direção-geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, através do Fundo Paroquial do Distrito.

Um acervo que abrange 14 concelhos e que narra a história da vida privada ao longo de cinco séculos, entre 1564 e 1911, em cada novo nascimento, casamento e morte. Os três momentos fulcrais do percurso humano e os únicos dignos de registo para quem não deixou marca na história oficial.

Nos subterrâneos da história dos poderes, aquela que chegou a nós por meio de compêndios e enciclopédias, vivem as histórias individuais de quem, de algum modo, foi moldando o percurso coletivo mesmo que não lhe tivessem sido atribuídos feitos dignos de louvores.

Dessa gente, nossos antepassados anónimos, sabemos apenas três coisas: que nasceram, que se uniram em matrimónio, com ou sem descendentes, e que um dia, inevitavelmente, terão morrido. Feitos, estes sim, literalmente dignos de nota, primeiro a cargo da Igreja Católica, que foi pioneira do registo civil depois da queda do Império Romano, e depois do Estado, conforme as determinações do Código Napoleónico de 1804, na origem do que hoje temos – um registo civil universal e laico.

A Diocese de Beja, na sequência de uma norma oficial saída do Concílio de Trento (1545-1563), que obrigava ao registo nas igrejas dos batismos e casamentos, passou também ela, a partir de 1536, a ter “livro próprio, feito e garantido em cada paróquia sob a responsabilidade do respetivo pároco”. Originam-se aqui os registos paroquiais, parte da documentação que o Arquivo Distrital de Beja (ADB) tem à sua guarda e em tratamento para acesso livre na Internet, e de que, em breve, também nos dará um “cheirinho” através de uma exposição.

Um acervo que é, decididamente, “um dos conjuntos documentais mais conhecidos e mais frequentemente utilizados pelos cidadãos”, mesmo se, ou talvez por isso mesmo, dele não constem mais do que os livros de batizados/nascimento, casamento, óbitos e reconhecimentos e legitimações, entre outros. Porque através dele surgem importantes pistas de investigação para uma história (ou histórias) da vida privada que falta fazer. Que servirão, igualmente, para o processo de construção de uma memória coletiva, ora traçando-nos a linha da evolução demográfica, ora fornecendo-nos o cenário socioeconómico de cada época, segundo variáveis como a esperança média de vida, e o rasto deixado pelos cataclismos naturais, miséria, abundância ou doença. Em suma, cinco séculos de vida e morte em Beja, distribuídos por outros tantos núcleos, desde a explicação dos primórdios do registo civil até à divulgação da possibilidade do estudo das raízes familiares, ou genealogia, que o Arquivo Distrital de Beja permite através do repositório digitarq, em <http://digitarq.adbja.dgarq.gov.pt>. Para saber quem fomos e, quem sabe, compreender o que somos.

in: <http://da.ambaal.pt/noticias/?id=3427>

CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

* Portas
* Janelas
* Marquises
* Estores
* Portões
* Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

